



JANELAS

PORTUGUESAS

DOS SÉCULOS XV A XVIII



José Luís Madeira
Jorge de Alarcão

Recensão a *Janelas Portuguesas dos Séculos XV a XVIII*

José d'Encarnação | CEAACP - Universidade de Coimbra
jde@ci.uc.pt

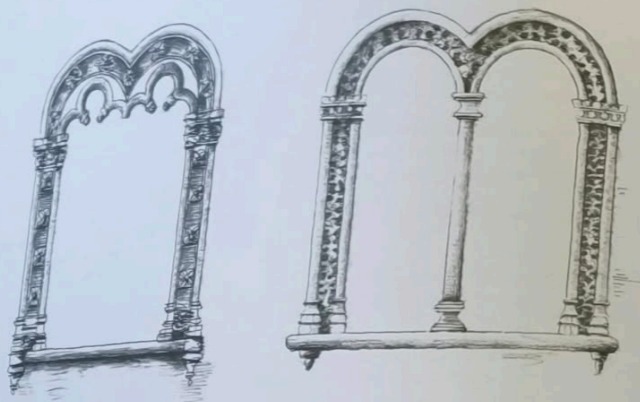
José Luís MADEIRA e Jorge de ALARCÃO, ***Janelas Portuguesas dos Séculos XV a XVIII***, edição do Centro de Estudos em Arqueologia Arte e Ciências do Património. Coimbra, 2024; ISBN: 978-989-36060-0-1, 333 páginas ilustradas.

Decidiram José Luís Madeira e Jorge de Alarcão sugerir mais atento olhar a um dos elementos arquitetónicos a que, do ponto de vista artístico, nem sempre se dá atenção. Se estamos de dentro, interessa-nos a paisagem exterior; se estamos fora, a janela desperta a curiosidade é para o interior, quando aberta, se fechada carece de interesse e só mui raramente lhe observamos os contornos ou eventual decoração; e se acaso é janela de peito com suas conversadeiras, aqueles simpáticos banquinhos de pedra, dum lado e do outro da parte de dentro, quem há aí que, neles sentado, dê fé de arquitetónicos rendilhados? Outros «rendilhados» interessam...

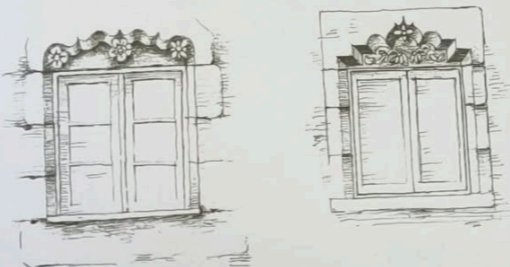
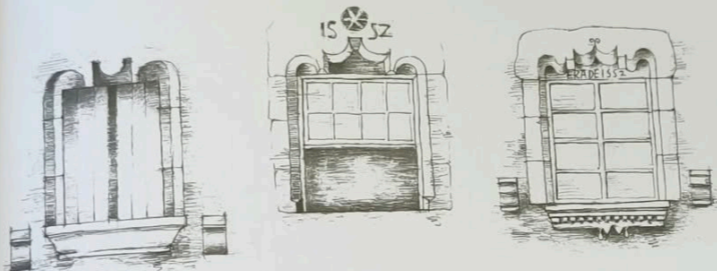
Milhares de janelas haverá por esse Portugal além. Investigador que se abalance a delas fazer catálogo carece, obviamente, de estabelecer mui criteriosa seleção, baseada em claro pressuposto metodológico.

Isso fizeram, desde logo, os autores: a ideia foi seleccionar testemunhos portugueses dos séculos XV a XVIII, suficientemente elucidativos do ponto de vista formal, susceptíveis de lhes possibilitarem a captação de modelos capazes de, com alguma segurança e mediante esta apresentação de minuciosos desenhos e sintéticas descrições, estabelecerem modelos cronologicamente datáveis: «Este é o tipo de janela predominante na segunda metade do século XV», «Este é o que mais se adequa ao que se encontra em edifícios do século XVIII»...

38.



TONDELA • PIRAMIDE DE GONTELA
CASA DE S. JOSE DO BOM FRESTRAS



39.

FREIXO DE ESPADA & CIUTA *

JANELAS PORTUGUESAS DOS SÉCULOS XV A XVIII

José Luís Madeira
Jorge de Alarcão

Nada do que acontece em termos históricos se pode, alguma vez, desagarrar do contexto geográfico e da conjuntura político-económica. Essa, pois, a preocupação sempre presente nesta obra, onde a pormenorizada descrição, baseada em exaustiva bibliografia, sobriamente se alia a esses contextos: «O solar da Sempre Noiva terá sido construído por D. Afonso de Portugal, bispo de Évora de 1485 a 1522, data da sua morte» (p. 50); a Casa da Tapada, Fiscal (Amares) «residência foi de Francisco de Sá de Meneses (neto do poeta Sá de Miranda). A capela, por ele mandada construir, tem data de 1618. Poderá esta atribuir-se à própria casa?» (p. 132).

Uma descrição cuidada também em termos técnicos, digamos assim. Na verdade, importava que a cada elemento fosse dado o nome adequado e, nesse âmbito, começando pelo edifício em si, os autores não hesitaram em pôr abertamente a questão: O que é um solar? Uma casa apalaçada? A casa corrente? Um palácio? Uma casa nobre? Uma casa solarenga? O sobrado?... Que há, em cada um desses casos, de verdadeiramente distintivo?

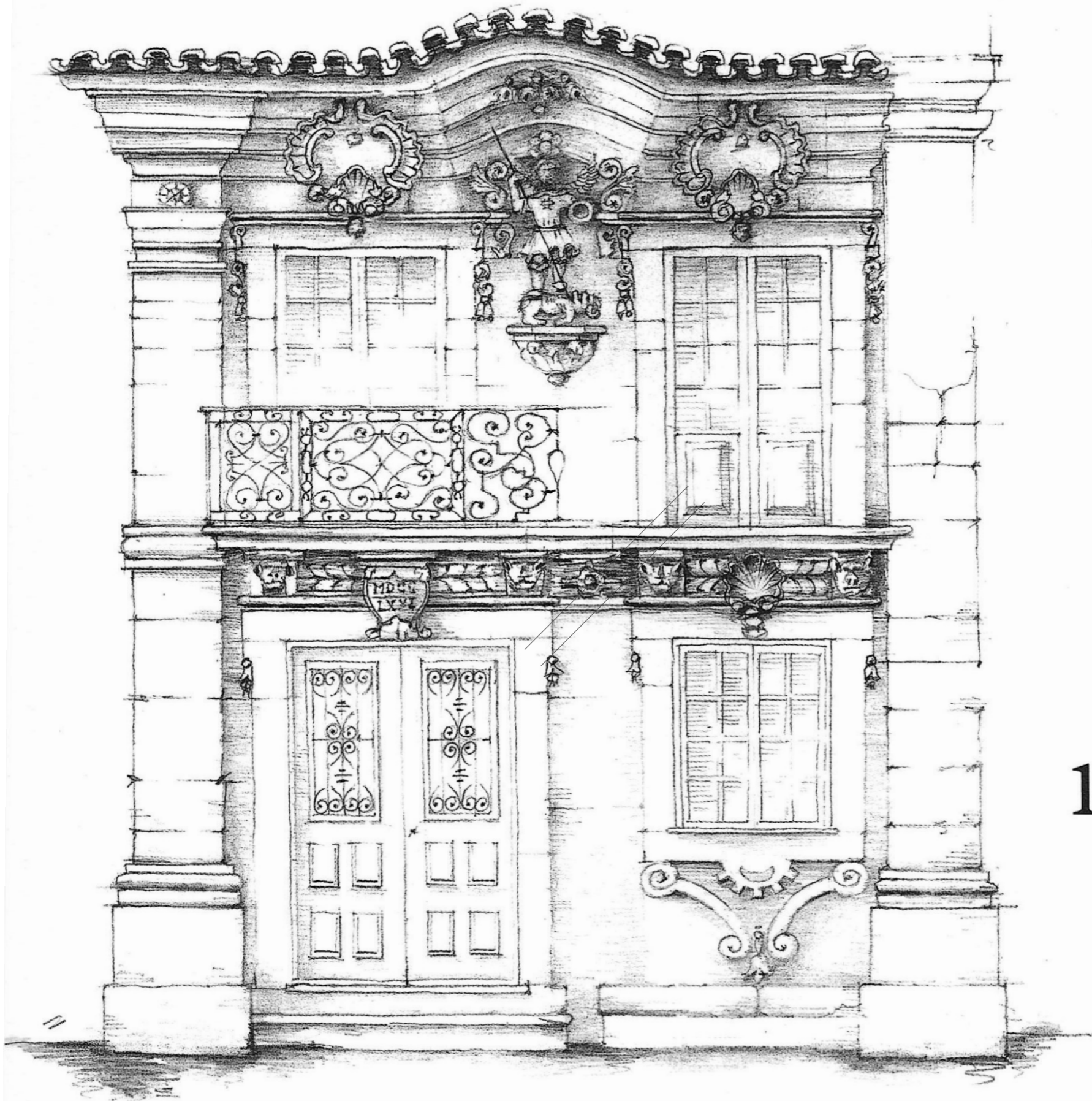
E mesmo as janelas: que é uma janela de guilhotina? E de sacada? Uma janela rasgada? Uma janela de peito? E houve predileção, nalgum século, por algum desses tipos em particular? Que são portadas, muxarabiês, ombreiras, vergas?...

Há, depois, todos os pormenores.

Leia-se, a título de exemplo, este parágrafo:

«Lateralmente, as portadas articulam-se por meio de peças de ferro, os lemes, providos de espigão que se insere num pequeno copo ou cachimbo» (p. 26).

Como, em poucas palavras, se dá conta duma série de designações, a tal terminologia técnica que deve conhecer-se no cotidiano, a fim de evitarmos palavras e expressões como «o coiso», «aquela coisa»... Tudo, afinal, tem nome próprio e há que o saber, mesmo não sendo carpinteiros ou construtores civis, para melhor nos entendermos. Por isso, no final (p. 217-221), também se apresenta prestimoso glossário.



124.

VALONGO v CASA DO ANJO



Se vale a pena folhear pausadamente este volume, com 180 números, cada um deles a referir uma ou mais janelas de um edifício, acompanhados os desenhos por adequada e fundamentada descrição? Sem dúvida!

Relevante pela exaustiva bibliografia apresentada, pela integração histórica e, de modo especial, pelos excelentes e preciosos desenhos de José Luís Madeira. Pois não se mostram só os pormenores sugestivos de cada janela, há delineada a representação da respectiva casa na sua totalidade.

Dará seguramente muito gosto e proveito a leitura vagarosa destas páginas, onde, a par do citado rigor descritivo, campeia a enorme sensibilidade gráfica que destes desenhos dimana.

Um livro para ter na mesa da sala de visitas, a fim de ser folheado não uma mas muitas vezes. No fundo, um passeio bem diferente, guiado por bem argutos olhares, por esse Portugal de antanho, que tanto, afinal, tem para admirar.